

**Frederico Lourenço & Susana Marques (coords.), *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva – Volume I. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022, 745 pp. [ISBN: 978-989-26-2144-9; ISBN Digital: 978-989-26-2145-6; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2145-6>].***

Consiste esta volumosa miscelânea na primeira parte de uma justa homenagem de amigos, colegas e discípulos à insigne Professora Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva, por ocasião da sua jubilação. Resultado da organização conjunta do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e da Secção de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o volume em recensão, de “feição multidisciplinar e internacional”, como salientam os seus coordenadores no Prefácio (p. 9), “reflete a abrangência que tem orientado a carreira académica da Doutora Maria de Fátima Silva”, que desenvolveu a sua investigação e exerceu o magistério na Universidade de Coimbra, da qual foi vice-reitora, mas também em várias outras universidades e escolas na Europa, nas Américas e em África.

A síntese de “Publicações de Maria de Fátima Sousa e Silva” (pp. 11-25) põe em evidência o percurso escolar e académico da homenageada (p. 11) e sublinha os objetos primeiros das suas leituras, pesquisas e publicações: a tradução (Traduções, pp. 11-13) e o estudo da Literatura Grega (Estudos de Literatura Grega, pp. 13-21), aos quais se vieram juntar os Estudos de Receção (pp. 21-25).

Ao elenco de publicações que patenteiam o currículo e a carreira excecionais da docente e investigadora, a quem muito devem os Estudos Clássicos, soma-se uma extensa *Tabula gratulatoria* (pp. 27-29) com os nomes de todos quantos quiseram expressar a sua consideração e amizade pela homenageada.

O livro compõe-se de 31 valiosíssimos estudos nas áreas das Literaturas Grega e Latina, Filosofia, Cultura, Arte, Linguística e Antiguidade Tardia, fruto do labor e dedicação de notáveis académicos que quiseram, com o seu saber, prestar homenagem a Maria de Fátima Silva.

Sendo, pois, temático o critério que preside à organização dos textos, integra o primeiro grupo, consagrado à Literatura Grega (pp. 31-338), o trabalho de Ana Paula Pinto e João Carlos Onofre Pinto, “A paleta homérica” (pp. 33-66). Partindo da “análise circunstanciada dos campos lexicais e semânticos associados às referências de cor”, os AA. propõem-se “tentar a revisitação do poeta – em diálogo com as grandes questões filosóficas e científicas à volta da cor e da visão.” (p. 34) No estudo “Hearts and Minds in Greek Tragedy: *Metanoia* in Text and Performance” (pp. 67-84), Lorna Hardwick, focando-

-se no conceito de *metanoia*, e mediante a análise de exemplos selecionados, reflete sobre o modo como os elementos formais do texto (Prólogo, *agon*, *stichomythia*, discurso do mensageiro) geram reflexão e revisão de perspectivas e pressupostos, tanto entre os participantes como, potencialmente, entre os espetadores (p. 84). Em “¿*Monodein: threnein?* Tradiciones poéticas en la monodia” (pp. 85-103), Milagros Quijada Sagredo aborda “tipos diferentes de monodias trágicas, algunas de sus funciones tradicionales más características, así como otras que revelan uma inspiración nueva.” (p. 85). Já Graciela Zecchin de Fasano, no ensaio “La caída de Troya y el campo semántico de *kairós* em *Agamemnón* de Esquilo” (pp. 105-122), partindo da definição de *kairós* estabelecida por Chantraine como “le point juste qui touche au but”, perluastra os passos em que a palavra e seus derivados são usados e a sua incidência na interpretação da tragédia (p. 105). Marta González González, por sua vez, no texto “Las guerras de Esquilo y el léxico de la violencia contra las mujeres” (pp. 123-141), debruça-se sobre as alusões à violência contra as mulheres em contexto bélico que algumas tragédias esquilinianas nos oferecem e que, embora não constituindo o centro do argumento, se revelam muito importantes, na medida em que aportam informação relativas a consensos estruturais sobre esse tipo de violência (p. 123). Jorge Deserto, em “O que os olhos veem na *Helena* de Eurípides” (pp. 143-162), propõe-se “trabalhar a dimensão visual (entendida como aquilo que, durante a representação, seria oferecido ao olhar dos espectadores)” da peça eudípidiana (p. 144). No que concerne ao estudo “Troia, paradigma de cidade aniquilada na tragédia grega” (pp. 163-183), de Félix Jácome Neto, “apresenta um levantamento dos principais tratamentos do aniquilamento de Troia na tragédia grega” e “discute peças cujas ações dramáticas estão situadas durante ou imediatamente depois da queda” da cidade, com o propósito de perceber o modo como personagens e Coros representaram a sua ruína, perspectivada aqui “como um meio para a audiência grega refletir sobre a sua própria experiência histórica de destruição de cidades em tempos de guerra.” (pp. 163-164). Carlos A. Martins de Jesus, com o ensaio “De volta ao aguilhão das vespas. Orígens e fortuna de um motivo aristofânico” (pp. 185-207), retoma “a metáfora aristofânica de *Vespas*”, para “analisar os principais testemunhos – anteriores, contemporâneos e posteriores a Aristófanes – que se servem das vespas sobretudo como símbolo do coletivo (e, portanto, imagem política) e de ataque pessoal (moral ou poético), não deixando de lado a literatura científica que, ao tempo, se acumulara sobre esse inseto.” (pp. 185-186).

O artigo “Aristófanes e Platão: do poder das mulheres na *pólis*. Paródia e Utopia” (pp. 209-229), de Rui Tavares de Faria, pretende ser mais um contributo para a reflexão sobre as propostas apresentadas por Aristófanes, na comédia *Mulheres na assembleia*, e Platão, no Livro V da *República*, apresentando e aprofundando “linhas de comparação entre os dois autores”, de forma a “analisar, por um lado, a dimensão paródica subjacente à manutenção do poder da *pólis* nas mãos das mulheres e recordar, por outro, a natureza utópica do tratado platónico.” (pp. 209-210). Em “As palavras do mundo heroico na epopeia alexandrina” (pp. 231-247), Ana Alexandra Alves de Sousa examina “os epítetos dos sintagmas que introduzem o discurso dos Argonautas entre si e destes com os que governam as terras onde desembarcam”, considerando “a humildade e a tolerância como novos valores heroicos, que surgem em complementaridade com a ousadia e um juízo crítico sobre as situações.” (p. 231). Cláudia Cravo reflete sobre “A dívida de *A Feiticeira* de Teócrito ao fragmento PSI 1214 de Sófron” (pp. 249-258). Reunindo “os testemunhos concretos que envolvem esta problemática”, a A. expõe “as incertezas” que a “impedem de afirmar que as dezanove linhas do papiro de Oxirrincos (PSI 1214) pertencem, de facto, ao mimo que serviu de modelo ao poeta alexandrino.” (p. 249). No estudo “Ecos da Comédia Nova em Flávio Josefo (AJ 18.6.-80)” (pp. 259-282), Nuno Simões Rodrigues “analisa o episódio da matrona Paulina, em AJ 18.65-80, avaliando as suas potencialidades historiográficas, quer enquanto peça de possível ficção na obra de Josefo, quer enquanto exemplo da receção de influências greco-helenísticas nos textos do historiador.” Conclui o A. que “uma das principais influências no passo em análise é a Comédia Nova ática, nomeadamente a obra de Menandro.” (pp. 259-260). Já Adriano Milho Cordeiro investiga “O vinho como fonte de prazer e elixir de males, em três epístolas de Álcifron” (pp. 283-297), a saber: 4.8, 4.13 e 4.14. Considera o A. que “Cada carta é como uma peça de um ‘puzzle’ que encaixa na perfeição, brindando-nos com uma visão panorâmica, homogénea e bem estruturada de fragmentos da condição humana.” (pp. 283-284). Delfim F. Leão e Ália Rodrigues, em “Evolução no tempo e no espaço: Plutarco e a ação de Alexandre perante os bárbaros derrotados” (pp. 299-320), discutem “o retrato de Plutarco de um Alexandre *retórico* na oração epidíctica *Sobre a fortuna e virtude de Alexandre* e de um Alexandre *biográfico* na *Vida de Alexandre*.” Depois de examinarem o retrato de Alexandre “como uma ilustração do *nomothetes* platónico, os AA. discutem “a campanha pan-helénica que o tornou *hegemon* dos Helenos, analisando a forma como a política de Alexandre – ou a do Alexandre *retórico* figurado por Plutarco – evoluiu da oposição tradicional

de gregos e bárbaros para um programa de fusão étnica e cultural marcado pela *homonoia* e *koinonia*”, princípios que “acabariam por se tornar na base do cosmopolitismo do período helenístico.” (p. 300). No estudo que encerra o bloco dedicado à Literatura Grega – “Plutarco e Heródoto: entre biografia e história” (pp. 321-338) – Joaquim Pinheiro indaga sobre “a proximidade entre a biografia e a história por meio da avaliação que Plutarco fez da historiografia herodotiana” (p. 321) no tratado plutarquiano *De Herodoti malignitate*.

No primeiro dos cinco estudos que constituem o bloco consagrado à Literatura Latina (pp. 339-480), intitulado “*Amphitruo* de Plauto y la construcción de la “romanidad”” (pp. 341-361), Aldo Rubén Pricco descreve e analisa procedimentos dramaturgico-retóricos sobre o *locus* do adultério e do engano que, no seu entender, “ameritan la indagación sobre cómo se construye la alusión a la preservación de la tradición.” (p. 342). Em “O cinismo, Menipo e a identidade romana. Os testemunhos de Diógenes Laércio, Cícero e Varrão” (pp. 363-387), Paulo Sérgio Margarido Ferreira, partindo do que se conhece sobre o cinismo e das informações veiculadas por Diógenes Laércio propõe-se “compreender a atitude de Menipo de Gádaros relativamente ao cinismo, perceber se foi o criador da sátira menipeia ou se as anedotas que sobre ele circulavam inspiraram a posterior criação do género, e estudar o modo como Cícero e Varrão, um moralista conservador romano, perspetivavam Menipo, e, deste modo, o enquadravam na moral identitária romana.” (p. 363) A reflexão de Francisco Oliveira, “Montanhas em Plínio o Antigo” (pp. 389-433), toma como ponto de partida “todas as ocorrências”, na *História Natural*, “dos termos latinos para designar montes e montanhas e seus correlatos” e de “algumas montanhas e cordilheiras mais conhecidas”. Lembrando que “Plínio segue o critério geográfico de Estrabão ao seriar as montanhas ao lado dos habitantes, mares, cidades, rios, etc.”, conclui o A. que aquele oferece “colorações várias, desde as puramente geográficas às históricas, morais, culturais e económicas”, e salienta como novidade a presença do ponto de vista económico, “mesmo quando envolto em tonalidade moralista ou sujeito a um critério de seriação baseado no extraordinário, no inabitual, no paradigmático, e, sobretudo quando se ouve que os antigos não tinham um critério ou um pensamento económico.” (pp. 389-390). Em “A mesa como elemento caracterizador e identitário na Roma do poeta Marcial” (pp. 435-461), José Luís Brandão debruça-se sobre “representativos epigramas de Marcial que contêm informação relevante sobre a cozinha romana, inserindo-os numa tradição literária” segundo a qual a comida é “elemento de caracterização ética e identitária de um povo e de uma elite”, para perceber de que modo “os pratos se tornam motivo recorrente de

caracterização moral e social.” (p. 435) A fechar esta secção, Aurora López e Andrés Pociña, no estudo “Visión de aspectos del teatro grecorromano em Apuleyo *Met.* X (pp. 463-480), analisam os três relatos que integram o livro X de *O burro de ouro* de Apuleio, “desde la perspectiva de su relación com el desarrollo histórico del teatro grecolatino, así como del conocimiento y manejo del mismo por parte de Apuleyo.” (p. 463).

Ao bloco atinente à Filosofia (pp. 481-516) pertence o texto de Javier Campos Daroca, “Aristóteles, Sócrates y los socráticos sobre la riqueza” (pp. 481-502), no qual o A. se propõe explorar a vertente socrática no pensamento económico aristotélico, que se reveste de grande atualidade, não obstante a posição crítica de Aristóteles em relação aos princípios éticos mais característicos de Sócrates. Já Luís António Umbelino, em “Um Ângulo Morto da Memória? Maine de Biran sobre a Reminiscência, a Memória e os seus Fantasmas” (pp. 503-516), indaga sobre “a conceção de memória proposta por Maine de Biran”, que, tal como Jano, tem duas faces: “uma obriga-nos a olhar para a delimitação da “interioridade consciente”, para o começo do *eu* apercetivo sem o qual, em rigor, nada se poderia afirmar recordado; a outra projeta o olhar para as regiões insólitas de uma espécie de memória fantasmagórica que, paradoxalmente, obriga a contemplar a face perturbadora e inconsciente da recapitulação de uma vida anónima em *mim sem mim.*” (p. 503).

O bloco temático seguinte, Cultura (pp. 517-555), inclui dois estudos. O primeiro, “Festa e Banquete: a fórmula ugarítica de assembleia dos deuses” (pp. 519-539), de José Augusto Ramos, apresenta-se como uma reflexão sobre o tópico da festa e do banquete na literatura mítico-teatral do Ciclo de Ba’al em Ugarit, quer enquanto “fórmula para designar a assembleia dos deuses”, quer “como metáfora para uma definição das divindades e da sua relação com o universo dos humanos.” (p. 519). O artigo de María Cecilia Colombani, “La fuerza a-cósmica. La amenaza de Tifón y el poder de Zeus” (pp. 541-555), constitui uma leitura da tifonomaquia “en términos políticos a partir de los juegos de poder que interactúan en el episodio.” Após tecer algumas considerações em torno do mito como operador de sentido, a A. trata a inscrição de Tifão no território de uma linhagem noturna, descreve a paisagem aterradora que a batalha implica e, por fim, analisa o modo como se opera a acumulação do poder do Crónida perante a derrota de Tifão no quadro de um esquema de representações de poder (p. 541).

Integram a secção reservada à Arte (pp. 557-647) três estudos. O primeiro, “Corpos atléticos gregos” (pp. 559-580), de Fábio de Souza Lessa, consiste numa reflexão sobre “modelos cénicos de figuração dos corpos dos atletas

nas imagens áticas em suporte cerâmico do período clássico (séculos V e IV a.C.).” Reconhecendo embora a existência de “um modelo hegemônico de figuração do corpo do atleta – aquele ao qual chamamos apolíneo”, o A. toma como objeto de estudo os corpos atléticos helénicos que se distanciam desse modelo idealizado, “revelando a sua pluralidade e a sua historicidade.” Em “O grande Serapeum de Alexandria: Esboço de reconstituição” (pp. 581-610), Rogério Sousa propõe-se cruzar os escassos dados arqueológicos relativos ao Serapeu alexandrino com as referências escritas ao templo, para ajudar a “compreender melhor o significado das suas estruturas, proporcionando-nos uma imagem mais completa sobre a sua configuração original.” (p. 581). Por fim, Vasco Gil Mantas, no artigo “De novo sobre o vaso de vidro de Odemira e o porto de *Puteoli* (Pozzuoli)” (pp. 611-647), estuda “as condições em que se achou o Vaso de Vidro de Odemira”, publica “uma fotografia inédita do mesmo” e analisa “a cena urbana do vaso à luz das últimas descobertas no porto italiano de *Puteoli*, onde estes *souvenirs* eram produzidos, e de outros vasos achados recentemente.” (p. 611).

Integram o penúltimo conjunto de estudos, dedicado à Linguística (pp. 649-695), dois textos sobre a aquisição linguística. Em “O lugar do *input* linguístico e metalinguístico em teorias de aquisição/aprendizagem de línguas não maternas. Implicações pedagógicas” (pp. 651-672), Cristina Martins examina as assunções de teorias explicativas da aquisição e aprendizagem de línguas não maternas, “na tentativa de identificar as suas implicações pedagógicas” e chamando a atenção para a particular relevância da “compatibilidade de cada teoria revista com práticas de ensino que se sustentam no recurso a *input* linguístico e metalinguístico.” (p. 651). Quanto a Maria Carmen de Frias e Gouveia, baseada na sua longa experiência de ensino do Português como língua estrangeira na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mas também “em dados recolhidos nos textos que constam do acervo *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2*, da mesma Faculdade” (pp. 673-674), propõe-se elencar, analisar e explicar os “Desvios linguísticos na aquisição do português por falantes estrangeiros: o caso particular dos aprendentes chineses” (pp. 673-695).

Encerra este primeiro volume de estudos oferecidos à Professora Doutora Maria de Fátima Silva a secção reservada à Antiguidade Tardia (pp. 697-745). Em “Basilio ante el Teatro. *Mimesis* y *Katharsis* Cristiana vs *Mimesis* y *Katharsis* Dramática” (pp. 699-718), Aurelio Pérez Jiménez, partindo de algumas reflexões sobre a importância do legado clássico para os três padres capadócijs, analisa as relações de Basílio de Cesareia com o drama antigo e

com o drama seu contemporâneo. Reflete ainda sobre o conceito cristão de *katharsis* e *mimesis*, em contraste com o drama na obra do padre capadócio (p. 699). Por fim, no estudo “*Paximathium*: traçando o caminho de uma tipologia de pão” (pp. 719-745), Paula Barata Dias, “através da análise dos testemunhos documentais gregos e latinos”, procura reconstituir a história do contexto cultural, económico e social da criação, divulgação e mobilidade do *paximathium* pelo espaço mediterrânico da Antiguidade Tardia e do mundo pós-romano (p. 719).

Em resumo, a organização primorosa, o indiscutível rigor científico e a abrangência temática dos estudos que compõem esta miscelânea fazem dela um valioso instrumento de reflexão sobre vertentes diversas das línguas, literaturas e culturas grega e latina, o qual muito honra o respeitável percurso académico da ilustre helenista Maria de Fátima Sousa e Silva.

Emília M. da Rocha Oliveira

emilia.oliveira@ua.pt

ORCID: 0000-0002-8433-9129

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38182

**Frederico Lourenço & Susana Marques (coords.), *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva – Volume II*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022, 647 pp. [ISBN: 978-989-26-2144-9; ISBN Digital: 978-989-26-2145-6; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2145-6>].**

O volume em recensão, o segundo da *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva*, e cuja coordenação científica se mantém a cargo de Frederico Lourenço e Susana Marques, colige um impressionante conjunto de trinta textos oferecidos à insigne filóloga clássica por ocasião da sua jubilação.

O critério de organização continua a ser o temático. Assim, dedicado à Idade Média (pp. 9-42), o primeiro bloco de estudos abre com o texto “*Ὁ λόγος τῆς ἱστορίας*: Ana Comnena e a narração da história” (pp. 11-25), de Mário de Gouveia, em que o A. se propõe “apresentar um conjunto de reflexões sobre a escrita da história no Império Bizantino durante o século XII”, a partir da análise do prólogo de *Alexiada*, “um dos mais importantes testemunhos da literatura bizantina da época Comnena”, composto “com o intuito de nos contar as ações do imperador Aleixo I Comneno (1081-1118).” (pp. 12-13). Logo depois, em “A Corte de Avis e a europeização de Portugal: O Infante D. Pedro” (pp. 27-42)”, Nair de Castro Soares